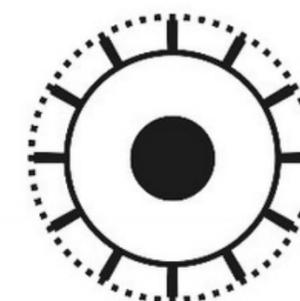




SOBRE A EXPOSIÇÃO

A Exposição originariamente concebida no contexto do projecto europeu “FREE YOUR MIND” sobre os activismos estudantis no Sul da Europa durante as ditaduras. Assim, sob a coordenação do CEI – Iscte, o projecto juntou a PANEPISTIMIO KRITIS (University of Crete), Grécia, a Universidad Complutense de Madrid, a Etairia Kritikon Istorikon Meleton (Society of Cretan Historical Studies), Grécia e a Associação Cultural Ephemera, que têm vindo a produzir diferentes conferências, debates e exposições sobre as experiências do País a que pertencem, durante as respectivas ditaduras.

O Arquivo Ephemera preparou, a partir do seu vasto acervo, a exposição de que agora se encontra aqui uma parte.



Ephemera
Associação Cultural





O movimento estudantil teve um papel destacado na resistência à ditadura

Acompanhou a resistência operária e a acção política clandestina, nas suas diferentes fases, anarquista, republicana (do “revirinho”), comunista, socialista e esquerdista. Nele se formaram muitos dirigentes comunistas, socialistas, católicos progressistas e esquerdistas e, por essa via, muitos milhares de estudantes participaram directamente em lutas que rapidamente perderam o carácter corporativo para se tornarem lutas políticas no pleno sentido da palavra. Foi um grande mobilizador e um grande “formador”. Nos 48 anos de ditadura (mais longa do que as experiências espanholas e gregas) conheceu momentos de refluxo e ascenso, mas a partir dos anos sessenta do século XX tornou-se uma constante da vida das universidades e liceus, tornando-as ingovernáveis para o regime. Comunicou com vários outros movimentos de resistência, cooperativa, sindical, cultural, social e política.



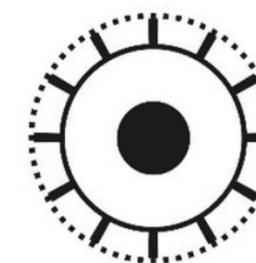
A sua influência estendeu-se aos quartéis, quer pelas incorporações forçadas de dirigentes estudantis, quer pela frequência em certos cursos militares de aulas nas escolas revoltadas, quer pela entrada nos quartéis, mesmo nas frentes de combate colonial, de música de protesto e das publicações estudantis sem censura. No 25 de Abril de 1974, o movimento estudantil teve de imediato um papel na mobilização política e, pela passagem nas Associações de Estudantes, muitos quadros tiveram a “preparação” necessária para o exercício de funções na nova democracia, em todas as áreas da governação, no parlamento e onde eram precisos conhecimentos técnicos e científicos associados à política de uma democracia.

Quando se aproximam os cinquenta anos de democracia, pode-se afirmar que com o movimento estudantil e o seu papel na resistência e na oposição, a democracia consolidou-se com mais rapidez e força.



A presente exposição, apenas uma parte ínfima do acervo do Arquivo da Associação Ephemera, integra documentação que vai desde desenhos originais dos estudantes até panfletos, cartazes, fotografias, publicações clandestinas, todos originais, resultantes não só de recolha directa e activa mas também de ofertas e doações que antigos estudantes fazem ao Arquivo. Esta é uma colecção que continua sempre em construção, continuando até à actualidade e integra todo o tipo de documentação e para a qual todos podem contribuir. Como a exposição demonstra, muitas vezes o mais pequeno papel, onde se tomam umas notas, tem, ou ganha, valor documental e histórico, e merece ser guardado, preservado e divulgado, como agora fazemos

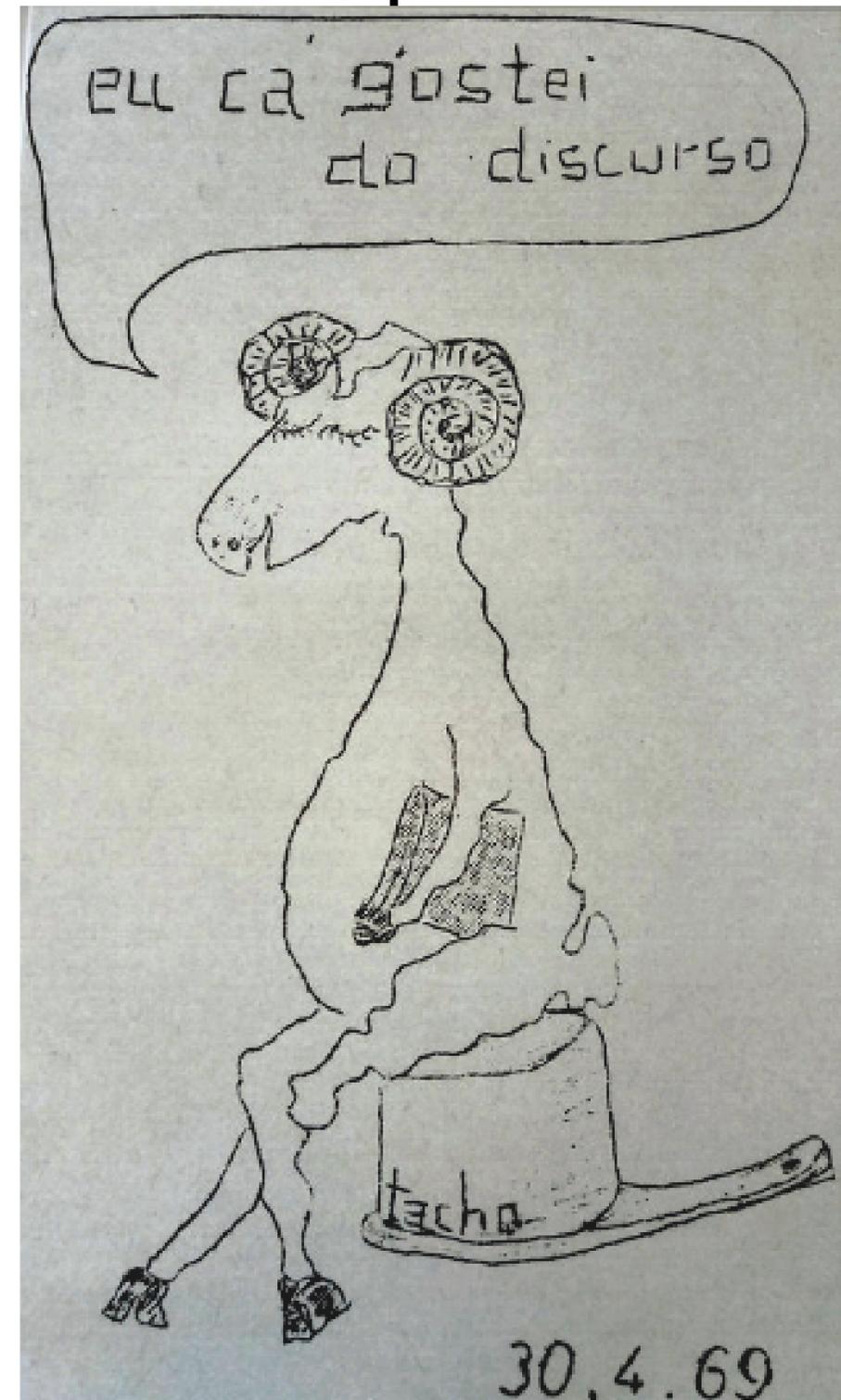
José Pacheco Pereira
Março de 2022



Ephemera
Associação Cultural

UM ESPAÇO DEMOCRÁTICO

NO MEIO DA DITADURA



UM ESPAÇO DEMOCRÁTICO

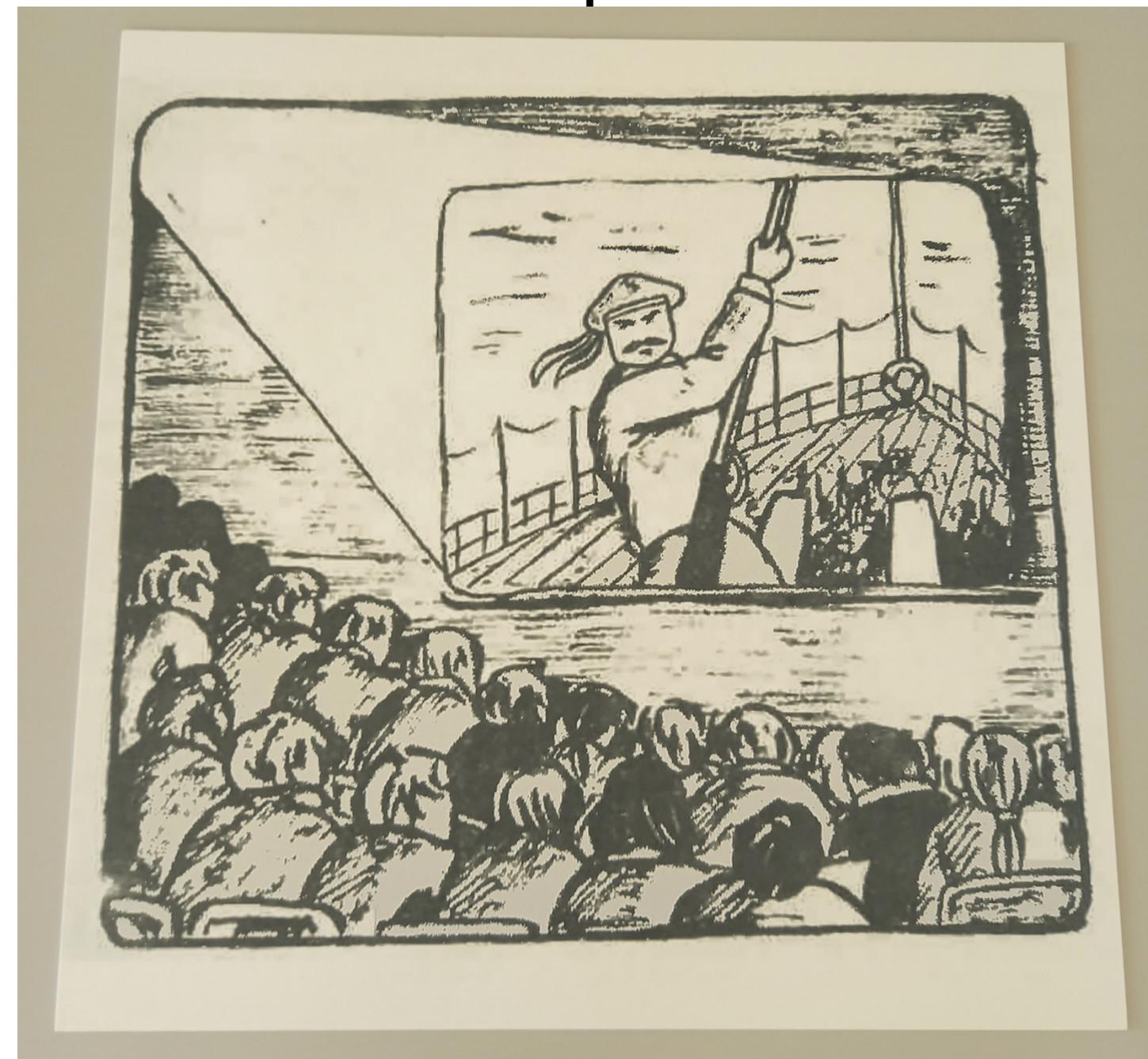
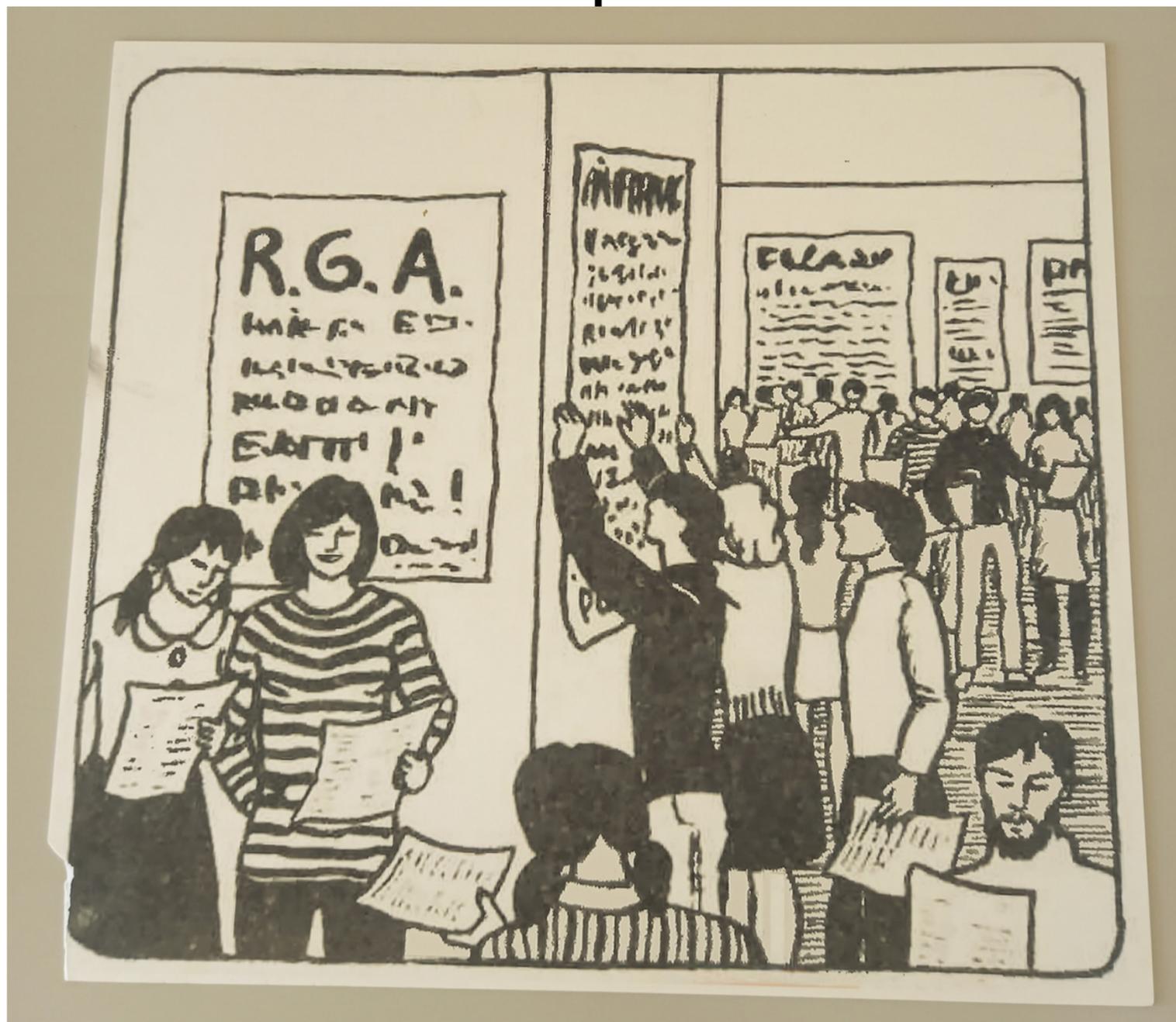
NO MEIO DA DITADURA

Contactar, conhecer, participar num espaço democrático no meio da ditadura, era uma raridade excepcional. Mas escolas, no movimento estudantil, no espaço das Associações de Estudantes esse local de liberdade existia. Vida democrática no seu pleno, debates, controvérsias, listas competitivas alternativas, votos e eleições eram o quotidiano das Associações. Nem sempre era fácil, aliás, era quase sempre difícil: muitas Associações não estavam legalizadas, não tinham locais nas escolas, e quase tudo o que faziam se passava na fronteira do legal e do ilegal. Em muitos casos votava-se numa escola ao lado com melhores condições, onde havia uma Associação com instalações, ou andava-se com a urna de sala para sala. Apesar dessas dificuldades, as eleições realizavam-se em mínimas condições de democraticidade e respeito pelo voto.

A LUTA

CONTRA A CENSURA

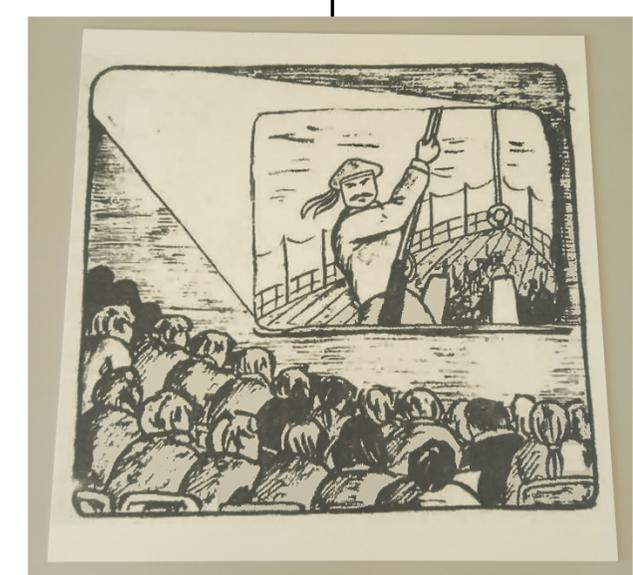
Num país que, durante 48 anos, nunca teve um dia sem censura, o papel do movimento estudantil foi fundamental para a divulgação dos autores e dos temas proibidos. Nas publicações estudantis, quer das Associações, quer dos “cursos livres” que proliferavam nas escolas nos anos setenta, falava-se de colonialismo, do imperialismo, das relações económicas de dominação, da fome, das condições de vida dos portugueses, da “escola de classe”, e editava-se Marx, Mao Zedong, Fanon, André Gorz, Poulantzas, Rosa Luxemburgo, Bettelheim, Paul Sweezy, etc. Nos grupos de teatro encenavam-se peças anti-colonialistas e falava-se de Brecht. O jazz e a música anglo-saxónica, os discos da Chant du Monde substituíam a dominância da cançonetismo, quer nos eventos musicais, quer nas raras secções sonoras como a de Direito de Lisboa.



**A VIDA ASSOCIATIVA
DESENHOS DE MARIA JOSÉ ABRUNHOSA**

A VIDA ASSOCIATIVA

DESENHOS DE MARIA JOSÉ
ABRUNHOSA



Série de desenhos feitos por Maria José Abrunhosa, activista estudantil e política, estudante de Arquitectura na ESBAP, foi feita para a lista “Por um Ensino ao Serviço do Povo” da AEFM do Porto em 1973. A situação das Associações de Estudantes variava muito entre as que estavam legalizadas e tinham instalações (como a AEIST) e a maioria das Associações do Porto, que não eram legais nem tinham instalações. Os desenhos retratam os serviços e actividades ideais das Associações, desde a preparação das sebetas e folhas, até sessões culturais, para além da sua vida democrática interna.

LISBOA

O GOVERNO PERDE O CONTROLO DAS UNIVERSIDADES



Desde o fim do refluxo causado pela repressão de 1965, o movimento estudantil mais radicalizado do país, tirou ao governo da ditadura o controlo das universidades e estava a propagar-se para os liceus. Nenhuma escola em Lisboa conhecia qualquer “paz”, mesmo forçada, sem uma vez uma, outra vez outra, ter que ser encerrada.

As Associações ocupadas, a polícia de choque no campus, as prisões sucessivas numa crise endémica que levou o governo a medidas extremas como a colocação de seguranças nas escolas, os “gorilas”, numa prática sem precedentes.

DA REPRESSÃO E DO SEU SIGNIFICADO



textos de apoio 1

comissão de luta contra a repressão

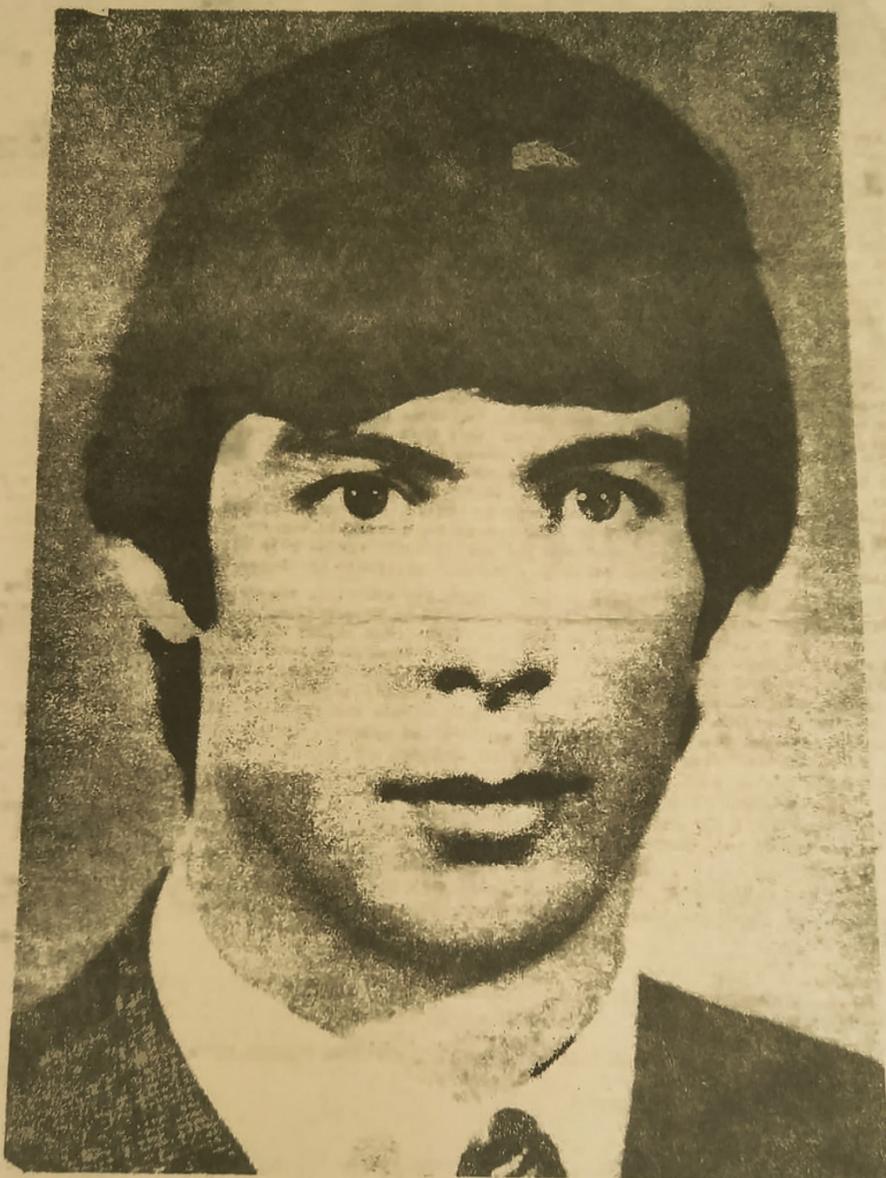
13 NOV 72

MEDICINA



LISBOA – O GOVERNO PERDE O CONTROLO DAS UNIVERSIDADES

FREE
YOUR
MIND



Ribeiro Santos

MEETING emECONÓMICAS no dia 14 de Novembro pelas 16,30
30 dias após o funeral

O nosso camarada Ribeiro Santos foi assassinado há cerca de um mês, durante um meeting sobre a repressão, realizado em Económicas. Pensava-se discutir aí a repressão, como se lutava contra ela e princípios que deviam orientar essa luta. Esperava-se uma discussão teórica e contava-se mesmo que algumas pessoas, que têm sobre a luta contra a repressão ideias bastante curiosas, lá aparecessem para as defender. Falamos, é claro, daqueles que participam no movimento estudantil para o tentar colocar a reboque das suas "reivindicações" reaccionárias, quer se já a reforma geral e "democrática" do ensino, quer qualquer outra que na altura lhes pareça mais oportuna e susceptível de ser aceite. Até por que jamais hesitam em assumir qualquer fisionomia política susceptível de render juros. Aqueles que em Económicas se aliam aos fascistas, conseguindo manipular estudantes em número suficiente para ganhar votações, são os mesmos que em Direito, sob a palavra de ordem de "unidos venceremos" ... até querem liderar ... a luta dos estudantes da sua escola ... !

Esperava-se uma discussão teórica, mas tudo foi diferente do que se esperava. A demarcação fez-se na prática e de uma forma inesperadamente típica. Os estudantes, reunidos no anfiteatro, olham boquiabertos para a porta por onde acabaram de entrar dois agentes da pides, enquadrados pelo secretário do iscef, alguns fascistas de Económicas e pelo presidente da Associação dos Estudantes do iscef. Aos apupos imediatos que rebentaram pela sala, seguem-se os "calma, calma" destes indivíduos que tinham "dado garantias" aos pides; grande parte dos estudantes, completamente desorientados, fica momentaneamente hesitante, depois reage energicamente e o que se segue é bem conhecido. O nosso camarada Ribeiro Santos, que em idênticas circunstâncias sempre se salientara pela decisão, cai mortalmente atingido pelos disparos de um dos pides, que já levava a arma na mão e com balas na câmara. E se mais feridos não houve, isso deve-se ao extraordinário sangue-frio de José Lamego que conseguiu segurar as mãos do pide enquanto este despejava o carregador, acabando por ser atingido apenas pela última bala; neste momento, a pide, pela instrução do seu processo, procura justificar os crimes cometidos.

Assim, a Comissão de Luta contra a Repressão que tinha convocado o meeting para o dia 12 de Outubro, convocou novo meeting para o dia 14 de Novembro, no anfiteatro do iscef onde se verificou o assassinato e que os estudantes deliberaram chamar Sala Ribeiro Santos, um mês após a extraordinária manifestação popular que foi o funeral de José António Ribeiro Santos, em que milhares de pessoas gritando "Vingaremos Ribeiro Santos" disseram ao governo fascista que não temiam nem a sua polícia de choque, nem a sua polícia política. As ameaças prévias do ministro rapazote revelaram apenas a persistente incapacidade dos fascistas para conhecerem a determinação e a coragem dos seus adversários, que avaliam sempre pela medida da sua própria cobardia, e que não é com notas officiosas cheias de ameaças, nem enchendo as ruas de Lisboa de polícia de choque que se quebra o formidável ímpeto das lutas populares. Assim como o nosso colega Saúl, preso no funeral quando defendia a urna, mostrava na sua passagem pela polícia, que as torturas da polícia fascista, devidamente legitimadas pelo enquadramento legal que os juristas lhes fornecem, são incapazes de quebrar a vontade dos que não viram a cara à repressão.

Será tudo isto, e não só, que devemos discutir no Meeting de 14 de Novembro, pois, a vergonhosa guerra colonial, levada a cabo contra os Povos da Guiné, Angola e Moçambique, ultrapassa, pelo seu carácter criminoso, tudo o que o fascismo já fez em Portugal em matéria de repressão.

HONREMOS A MEMÓRIA DO NOSSO CAMARADA JOSÉ ANTÓNIO RIBEIRO SANTOS!

TRANSFORMEMOS O MEETING DE 14 DE NOVEMBRO NUMA GRANDE JORNADA DE LUTA CONTRA
A REPRESSÃO FASCISTA !

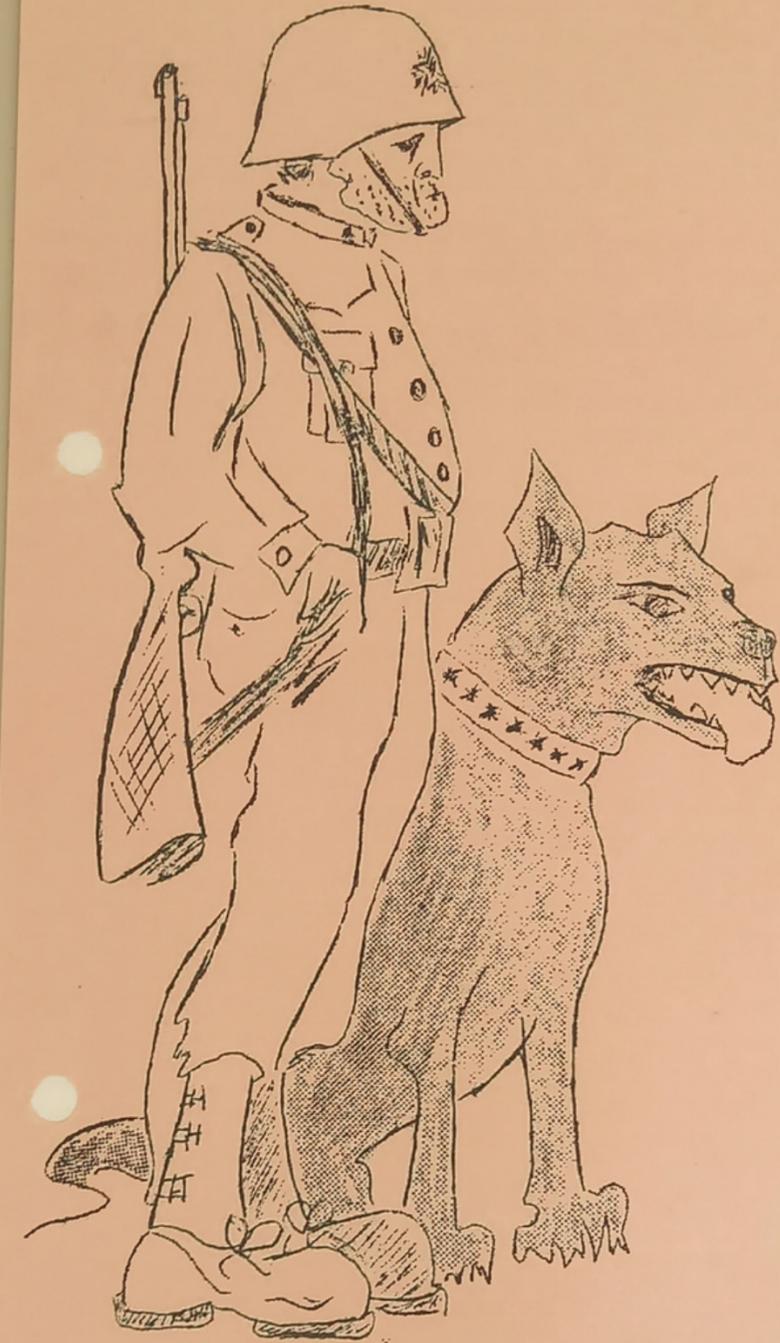
TODOS À SAIA RIBEIRO SANTOS EM ECONÓMICAS NO DIA 14 DE NOVEMBRO, ÀS 16 HORAS !

LISBOA – O GOVERNO PERDE O CONTROLO DAS UNIVERSIDADES

FREE
YOUR
MIND

COIMBRA

UM MOVIMENTO
MUITO ESPECIAL



"NESTE MOMENTO SABE-SE QUE JÁ CONVERGIRAM
PARA COIMBRA CONHECIDOS ELEMENTOS DE AGI
TAÇÃO ..."

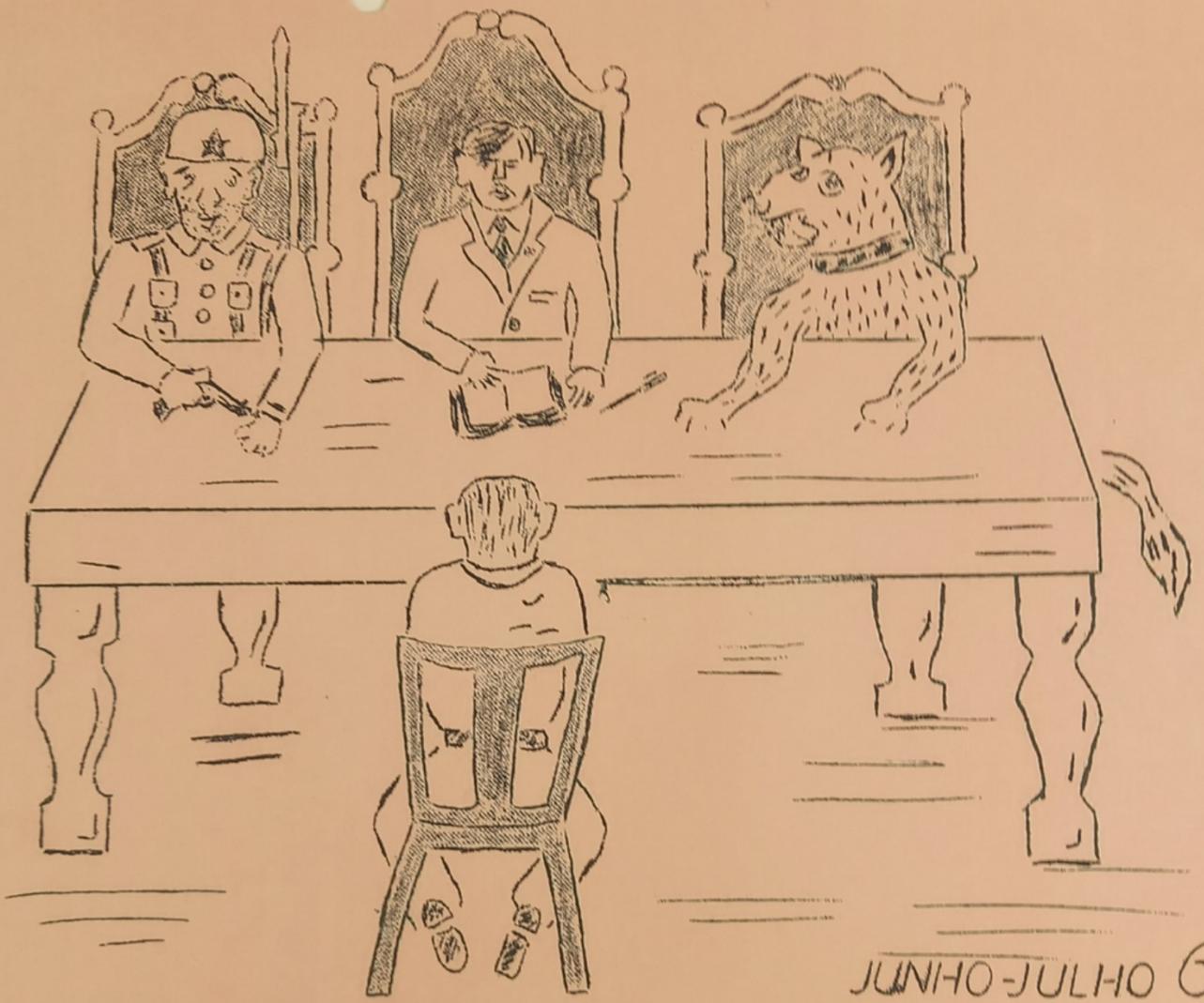
in"Comunicação ao País" do M.E.N. em
30.4.69

COIMBRA

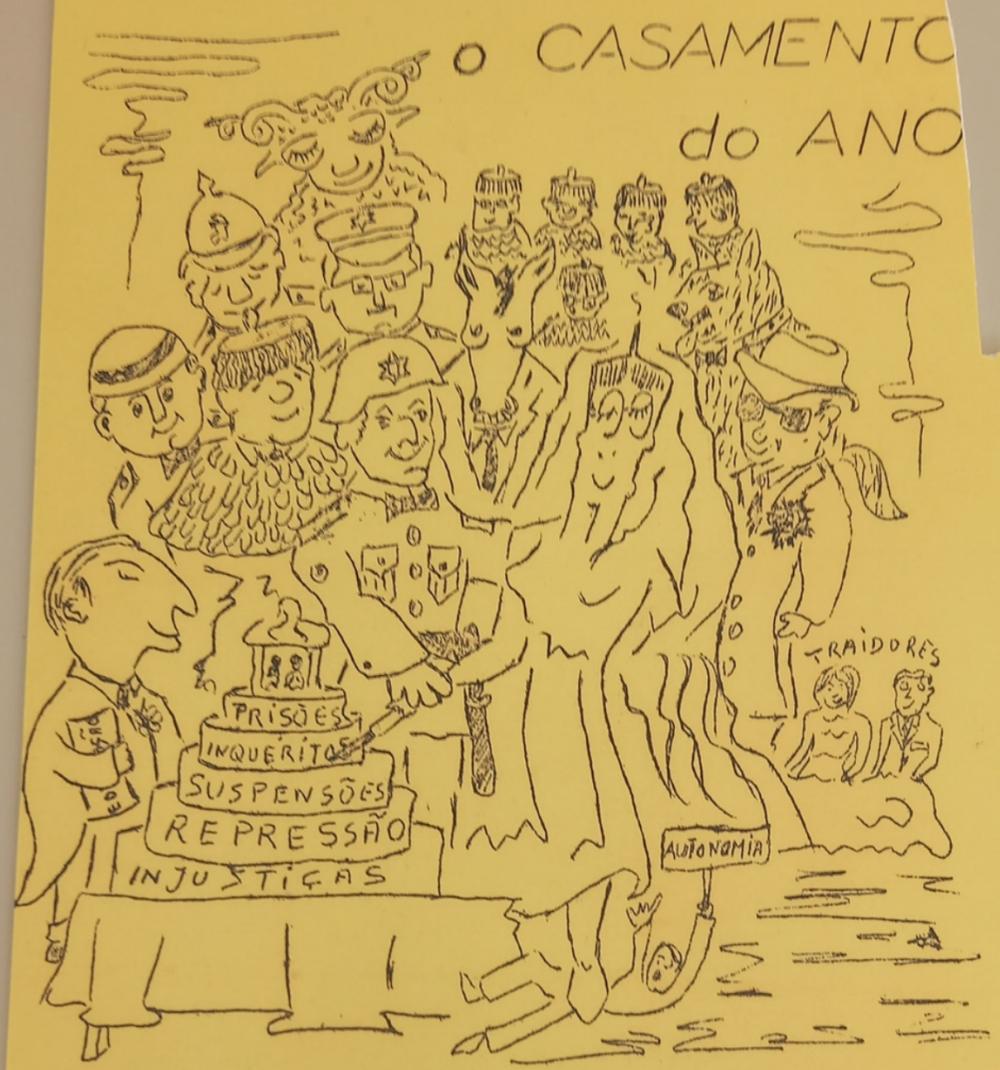
**UM MOVIMENTO
MUITO ESPECIAL**

O movimento estudantil de Coimbra era visto com estranheza e mesmo suspeição pelos activistas de Lisboa e do Porto. A praxe, que praticamente não existia nas duas outras cidades, era vista como um arcaísmo que transportava consigo todo um conjunto de ideias reaccionárias sobre as hierarquias sociais, as diferenças de género, a humilhação dos “caloiros” pelos “doutores”, o peso das “tradições”.

Havia também diferenças de organização com uma Associação unificada e centralizada, que contrastava com a multiplicidade de associações por escola no Porto e em Lisboa. Para além disso, a composição política do movimento estudantil era diferente e, mesmo organizações que existiam no Porto e em Lisboa, como a UEC, tinham também peculiaridades coimbrãs. No entanto, o maior movimento de massas estudantis ocorreu em Coimbra, a crise de 1969, com uma dimensão mais significativa do que as lutas fragmentadas nas outras academias.



JUNHO-JULHO 69



O CASAMENTO do ANO

TRAIDORES

AUTONOMIA

COIMBRA – UM MOVIMENTO MUITO ESPECIAL



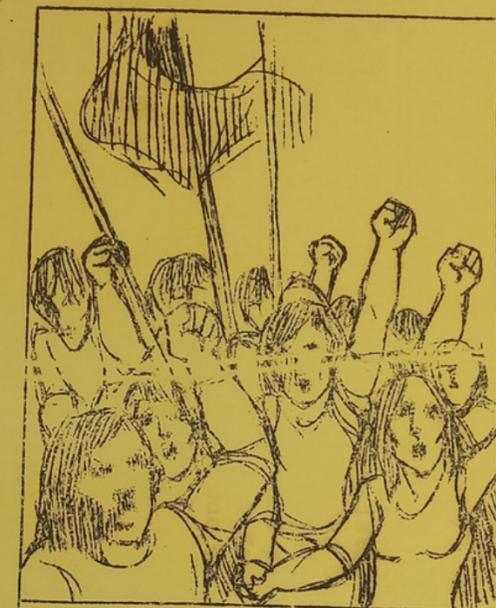
PORTO

**300 ESTUDANTES PRESOS
E MULTADOS,
JULGAMENTO MARCADO
PARA JUNHO DE 1974...**

Em vésperas do 25 de Abril, o movimento estudantil que estava no centro do alvo da repressão era o do Porto. A ditadura ensaiava novas formas de repressão que atingissem não apenas os mais destacados activistas, mas também a massa dos apoiantes do movimento. O pretexto foi a contestação do Festival dos Coros, que incluía um coro sul-africano. O tema óbvio era a recusa da guerra colonial através do impedimento de um coro do país do apartheid, e aliado do colonialismo português, poder participar num evento com coros estudantis. Uma reunião de contestação do Festival, ilegal como todas as reuniões e plenários no Porto, onde apenas existiam duas Associações legalizadas, levou à prisão de mais de 300 estudantes, que depois de identificados foram multados. A maioria recusou pagar as multas e os tribunais do regime começaram o julgamento, aprazado para ... depois do 25 de Abril.

SOBRE A REPRESSÃO

TEXTO
EM
APOIO



NÚCLEOS SINDICAIS DO PORTO

LISTA B

INFORMAÇÃO 2

1/12/71

NOTICIÁRIO

O QUE É UMA ASSOCIAÇÃO?

PAPEL DA DIRECÇÃO



**PORTO – 300 ESTUDANTES PRESOS E MULTADOS, JULGAMENTO
MARCADO PARA JUNHO DE 1974...**

**FREE
YOUR
MIND**

REPRESSÃO

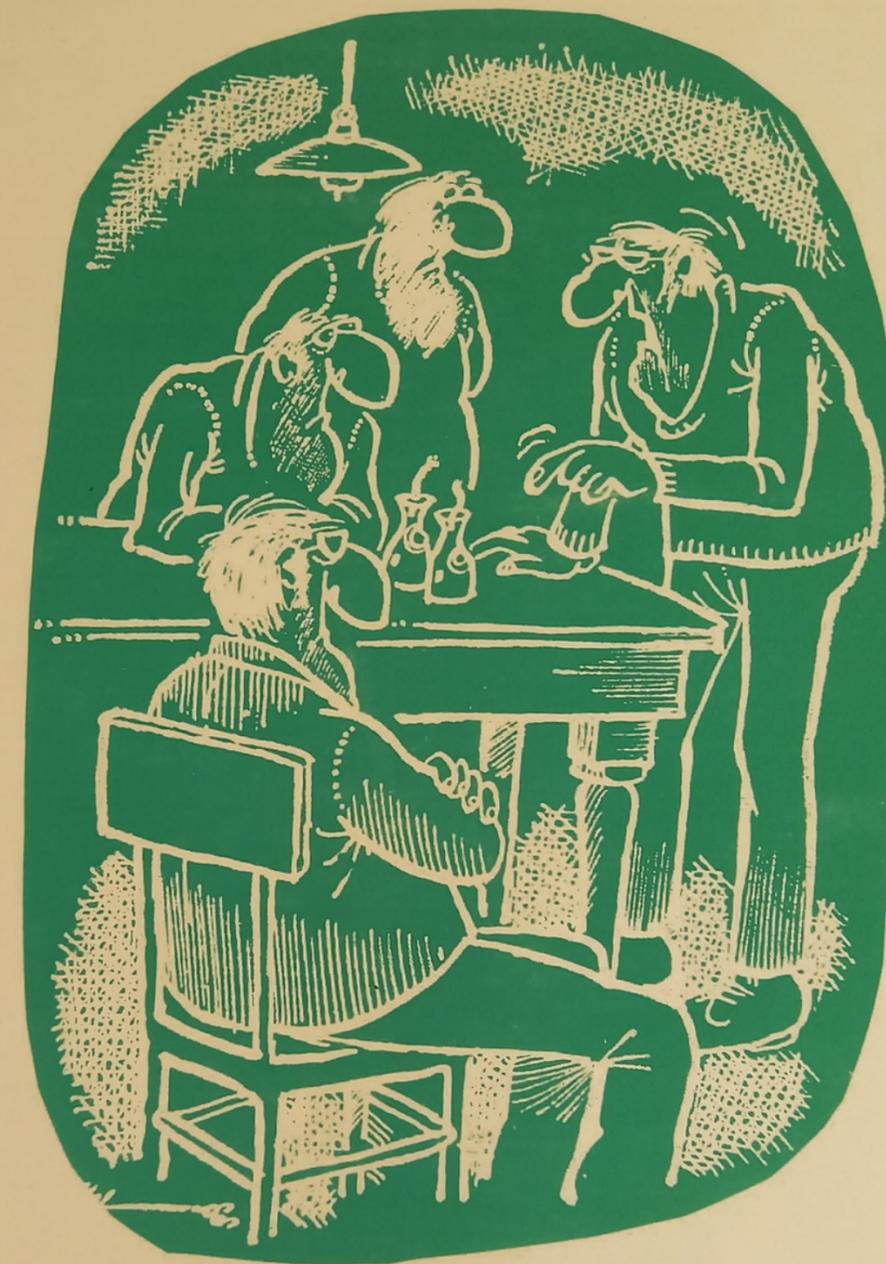
OMNIPRESENTE

O movimento estudantil, como as greves operárias, era um dos alvos preferenciais da repressão. A partir do fim da década de sessenta do século XX, o encerramento de Associações, a sua ocupação pela polícia e pela PIDE/DGS, a proibição sistemática de actividades de todo o tipo, cultural, social, musical, de representação, o impedimento de reuniões, a perseguição à liberdade de expressão, a censura, a suspensão e expulsão das escolas, as cargas policiais, as prisões e, no caso dos estudantes do sexo masculino, a incorporação forçada no exército em batalhões disciplinares, era o normal.

A repressão tem por isso um papel central em toda a acção estudantil.

A EXTREMA- DIREITA

CONTRA O MOVIMENTO
ESTUDANTIL



“Camaradas : devido à penúria de gasolina, de hoje em diante, atiramos aos polícias mini-Molotovs” !



A EXTREMA-DIREITA CONTRA O MOVIMENTO ESTUDANTIL

**FREE
YOUR
MIND**